*Vinicio Almeida, professor da UFRN/PPGA, contribui para matéria na Tribuna do Norte sobre alternativas de investimentos no mercado financeiro.*

**Os caminhos além da poupança**

Veículo: Tribuna do Norte

Seção: Economia

Data: 26/8/2012

[ INVESTIMENTOS ] Com a poupança rendendo menos desde o primeiro semestre, especialistas apontam outras opções para quem é conservador, mas não abre mão de "esticar" o dinheiro. "É preciso diversificar investimentos", dizem.  
  
**Andrielle Mendes** - Repórter  
      
A economia do Brasil mudou e com ela mudaram também as regras da caderneta de poupança, símbolo um tanto paradoxal de segurança e rentabilidade no país dos investimentos. Com as novas regras, que passaram a valer no primeiro semestre, investir na caderneta se tornou uma 'loucura', segundo o palestrante, educador financeiro, e gerente geral do Instituto Nacional de Investidores (INI), Mauro Calil, autor de dois livros, entre eles o recém-lançado Separe uma Verba e Seja Feliz.   
Insistir na poupança, para quem não fez isso antes das mudanças, é no mínimo desaconselhável. "Há outras opções bem mais rentáveis", justifica. A Letra de Crédito Imobiliário (LCI) é uma delas. O produto é tão seguro quanto a caderneta -  investimentos de até R$ 70 mil são garantidos pelo banco emissor e pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC) - e a rentabilidade chega a ser 30% maior que a da poupança, após as mudanças. O retorno do ativo também é isento de Imposto de Renda (IR) para a pessoa física. Sem o imposto, o produto se torna mais rentável que o Certificado de Depósito Bancário (CDB) - outra boa opção, segundo os economistas.  
  
A poupança, segundo Mauro Calil, está rendendo 70% da taxa Selic. "Outros produtos como o  CDB - espécie de empréstimo feito pelo investidor ao banco em troca de uma remuneração - rendem até mais que a Selic e tem a mesma segurança". Mas nem sempre foi assim.   
  
**Preferência**  
  
A  poupança foi durante muito tempo a 'queridinha' dos brasileiros. Segundo levantamento realizado pelo Instituto Pesquisa de Mercado  Fractal em 2011 - o mais recente  - a maioria dos brasileiros entrevistados disse preferir, naquele ano, a caderneta. "O brasileiro nunca teve muitas alternativas para investimento, é bem verdade", justifica Calil. Uma nova pesquisa já está em curso. Os resultados serão divulgados em outubro e segundo Celso Grisi, economista e diretor-presidente da Fractal, serão bem diferentes. "A poupança deixou de ser um bom investimento. A rentabilidade está muito baixa", afirma. Álvaro Barreto, presidente da Companhia Hipotecária Brasileira (CHB), vai além. Para ele, a Letra de Crédito Imobiliário (LCI) ocupará o espaço hoje ocupado pela poupança. Filipe Queiroz, 27 anos, concorda. Ele trabalha como administrador num banco em São Paulo e investe há três anos. Começou comprando ações na bolsa de valores. Depois migrou para a Letra de Crédito Imobiliário (LCI). Passou da renda 'variável' - com, teoricamente, maior rentabilidade e maior risco - para a renda 'fixa' - com menor rentabilidade e menor risco, pulando a caderneta de poupança. "Pulei, porque vi logo de cara que não compensava". Outras pessoas deverão fazer o mesmo que Filipe este ano, segundo Celso Grisi, da Fractal.   
  
Na área de investimentos da CHB, a LCI é o produto que mais cresce. Em 2010, foram captados R$ 5 milhões. Em 2011, R$ 12 milhões. A expectativa, segundo a direção, é fechar 2012 com algo em torno de R$ 30 milhões, um incremento de 500% em três anos. Na Caixa Econômica Federal, banco com a maior carteira de crédito imobiliário do país, as LCIs somam mais de R$ 20 bilhões. Há um ano, totalizavam R$ 13 bilhões, segundo matéria publicada no Valor Econômico. O Banco do Brasil dará início à emissão de Letras de Crédito Imobiliário (LCI) a partir do início de 2013.  
  
Diversificar investimentos  é uma orientação dada pela maioria dos especialistas. Na visão deles, a caderneta de poupança se tornou a queridinha do país por falta de informação. Foi também o que apontou estudo do Instituto de Pesquisa de Mercado Fractal. Mas isso está mudando. "Existe vida além da caderneta de poupança", ressalta Calil.  
  
**Com inflação alta, caderneta brilhava**  
  
A poupança passou a render muito no Brasil quando a inflação era alta. Além de render muito, as regras eram muito simples. Por isso, esta modalidade de investimento se tornou cada vez mais popular, afirma Álvaro Barreto, da Companhia Hipotecária Brasileira (CHB).  
Sem as mudanças nas regras da caderneta, a poupança teria se tornado "perigosamente atraente quando comparada a outros ativos", avalia Vinício de Souza e Almeida, coordenador do  programa de especialização em Mercado de Capitais e professor adjunto no Departamento de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). "As regras da poupança foram ajustadas para manter o equilíbrio e a normalidade", acrescenta ele, doutor em administração (Finanças) pelo Instituto de Pós-graduação e pesquisa em Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).   
  
Para o professor, com os ajustes, a poupança agora permanece em pé de igualdade com outras alternativas de investimento. "Não tivesse havido ajustes na regra de rentabilidade da poupança, aí sim lideraria o processo de escolha. Ainda estamos nas reminiscências do que o burburinho provocou", acrescenta.  
  
Em vigor há três meses, a mudança no cálculo do rendimento da poupança não inibiu a busca por essa aplicação. Segundo dados divulgados no último dia 6 pelo Banco Central (BC), a captação líquida da poupança (diferença entre os depósitos e as retiradas) somou R$ 8,252 bilhões em julho, o maior montante registrado para o mês desde o início da série histórica, em 1995. O resultado só não foi maior que em dezembro de 2009, quando a captação líquida havia atingido R$ 9,175 bilhões. Desde que o governo mudou as regras da aplicação na caderneta de poupança, no início de maio, a captação líquida não diminuiu.   
 **Mudança vale desde maio**  
  
Anunciadas no início de maio, as novas regras da poupança atrelam o rendimento das contas ao juro básico da economia sempre que a Selic estiver em 8,5% ao ano ou menos. Em 30 de maio, a taxa caiu exatamente para esse patamar, o que acionou o gatilho. Os depósitos realizados a partir de então passaram a pagar a remuneração composta de 70% da Selic somada à Taxa Referencial (TR), o que corresponde a pouco mais de 0,48% ao mês. Quanto menor for a Selic, menor será o rendimento do dinheiro. Aplicações antigas, por sua vez, recebem juro maior: 0,5% ao mês mais a TR.   
  
De acordo com o governo federal, a mudança na caderneta foi necessária para permitir que a Selic continuasse caindo e para evitar uma migração em massa de investidores para a caderneta de poupança. O risco existia porque, com a queda da taxa básica de juros, a poupança - um investimento de renda fixa,de baixo risco e sobre o qual não incidem taxas nem imposto de renda - fica mais interessante para o investidor. O temor era de que isso diminuísse os investimentos em renda variável, como a Bolsa de Valores.

Bancos e corretoras oferecem, em média, 4 mil produtos diferentes, segundo o palestrante, educador financeiro, e gerente geral do Instituto Nacional de Investidores (INI), Mauro Calil. Em meio a essa enxurrada de ofertas, a escolha da modalidade de investimento deve ser criteriosa.   
  
De acordo com o especialista, é preciso considerar mais do que características da modalidade ou o cenário econômico. Fatores como o perfil do investidor e o objetivo do investimento também devem ser pesados. "As pessoas devem responder a três perguntas: quanto posso investir, durante quanto tempo vou investir e qual o objetivo do investimento", orienta.       
  
Observar os riscos de cada tipo de investimento e o tempo de retorno oferecido também deve ser uma preocupação. "A caderneta de poupança, o Certificado de Depósito Bancário (CDB) e os fundos de Renda Fixa são opções voltadas para um público com um perfil mais conservador, ou seja, que tem aversão a riscos e preza pela estabilidade e disponibilidade do recurso de imediato", explica Edísio José Soares Filho, gerente de Negócios do Banco do Brasil.   
  
O CDB tem rentabilidade e liquidez diárias e os fundos em Renda Fixa podem ser pré-fixados (ou seja, ter a taxa de rentabilidade conhecida no momento da aplicação) e pós-fixados (atrelado a algum indexador). "Fundos de investimento em Renda Variável, que têm em sua composição ações de empresas de capital aberto negociadas na Bolsa de Valores, e  papéis de renda fixa, são voltados para clientes com perfil um pouco mais arrojado de investimento. Pessoas que estão dispostas à exposição a eventuais riscos em busca de maiores ganhos", diferencia Soares Filho. As ações no mercado de capitais também são voltadas ao público com perfil arrojado de investimento.   
  
Além dessas opções, há a Previdência Privada, que tem como cerne a manutenção do padrão de vida no futuro - com o planejamento da aposentadoria e/ou custeio dos estudos de filhos - e  pode mesclar renda fixa e renda variável conforme o perfil e a necessidade do cliente. O título de capitalização é outra forma de poupar por um determinado espaço de tempo. "Ele tem como garantia o retorno de 100% do valor pago ao final de sua vigência e possui como grande atrativo os sorteios com premiações milionárias (até R$ 10 milhões)".  
  
**Entrevista - Vinício de Souza e Almeida - coordenador do programa de especialização em mercado de capitais da UFRN**  
  
Possíveis novas reduções na taxa básica de juros, a Selic, deverão tornar a caderneta de poupança menos atrativa, entre as opções de investimentos mais "conservadoras". Nesta entrevista à TRIBUNA DO NORTE, o coordenador do programa de especialização em mercado de capitais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Vinício de Souza e Almeida, explica os motivos e a importância da diversificação dos investimentos. Almeida é professor adjunto do Departamento de Administração da UFRN e doutor em Administração pela UFRJ. A respeito da diversificação, ele lembra de um "velho e auspicioso conselho", que vale também para os investidores: "Não colocar todos os ovos em um mesmo cesto". Confira:

Emanuel AmaralVinício de Souza e Almeida / coordenador do programa de especialização em mercado de capitais da UFRN

**Com as mudanças nas regras da poupança no primeiro semestre, investir na caderneta de poupança ainda é vantagem ou há outras opções conservadores, mas também vantajosas?**  
Com as novas regras para as cadernetas de poupança, sempre que a Selic definida pelo Copom/Bacen for menor ou igual a 8,5% ao ano, o rendimento das aplicações em poupança ficam limitadas a 70% da Selic. Quanto menor a Selic, em patamares abaixo de 8,5% ao ano, menos interessante fica a poupança para prazos mais longos, quando comparada a investimentos em títulos públicos e à investimentos em fundos de renda fixa. O Copom vai se reunir mais três vezes neste ano: agosto, outubro e novembro. A expectativa de agentes de mercado para a próxima reunião é de que a meta Selic seja cortada em meio ponto percentual, chegando então a 7,5% ao ano, segundo o relatório de mercado Focus do Banco Central de 3/8/2012. Se a expectativa for confirmada e a tendência de cortes for mantida, a poupança não se configuraria como um investimento atrativo entre as alternativas conservadoras.  
  
**Quais seriam as outras opções?**  
Penso que o investidor com menor volume de recursos para aplicação pode usualmente recorrer a aplicações em fundos de investimento. Alguns bancos chegam a oferecer centenas de alternativas, sendo a maioria passível de aplicação com baixo volume de recursos. Isto dá a chance ao investidor de diversificar seus investimentos, seguindo o velho e auspicioso conselho de não colocar todos os ovos em um mesmo cesto. A grande desvantagem desses fundos é a incidência do IR e do IOF sobre os rendimentos e a incidência por vezes alta da taxa de administração. O Tesouro Direto, em comparação aos fundos, oferece a vantagem de ter taxa de administração mais baixa. Em contrapartida, há menor diversificação.   
  
**O que levar em conta na hora de escolher o produto?**  
A escolha vai depender das motivações para se fazer a aplicação e do nível de exposição a risco que o investidor está disposto a suportar. O investidor deve observar qual o tempo esperado para realização do investimento, ou seja, quando ele planeja usar o recurso ou qual o grau de disponibilidade dos recursos caso necessite deles. Considerando que os preços dos ativos estão sujeitos a variações no tempo, o investidor também deve se preocupar com o tipo de flutuação a que estará exposto ao fazer um investimento. O preço de um ativo pode subir significativamente, mas também pode cair muito e se manter em níveis baixos por um bom espaço de tempo. Além disso, há considerações sobre as características e o ponto em que o investidor se encontra em sua vida. Investidores que são arrimo de família têm menor propensão a aceitar risco do que investidores que não o são.   
A LCI seria uma boa opção para quem se acostumou a investir na caderneta de poupança? A opção parece ser tão conservadora quanto e até mais rentável...  
  
As Letras de Crédito Imobiliário pertencem à categoria de ativos mais conservadores, mas não tão conservador quanto a poupança. Daí a razoabilidade de sua rentabilidade histórica superior. As LCI tem baixa liquidez e alto investimento mínimo inicial. O valores usuais para aplicação mínima são de R$ 30 mil e R$ 50 mil. Ela apresenta a vantagem de não ter incidência de IR, assim como a poupança.   
  
**O que você diria sobre a diversificação dos investimentos?**  
Escolher ativos com correlação baixa entre si é, provavelmente, o conselho mais repetido por profissionais da área financeira. Não é de se espantar que boa parte das ruínas financeiras individuais de quem buscou apoio no mercado de capitais costume estar associada a investimentos de alto risco e com fraca diversificação. É comum que se recomende uma divisão equitativa entre classes de ativos financeiros. Por exemplo, um terço em ações, um terço em renda fixa de curto prazo de baixo risco, um terço em renda ixa de mais alto risco e prazo maior. Essa é apenas uma possibilidade entre muitas. Pode ser que investidores muito avessos ao risco entendam que um terço de seu patrimônio é muito e, portanto, vão buscar proporções maiores nas classes menos arriscadas.  
  
*\*Colaborou Renata Moura*